

**TRABALHANDO COM GÊNEROS:  
A INTERTEXTUALIDADE  
E A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR**

*Rysian Lohse Monteiro* (UENF)

[rysian\\_lohse@hotmail.com](mailto:rysian_lohse@hotmail.com)

*Luciana da Silva Almeida* (UENF)

[lucy.salmeida@gmail.com](mailto:lucy.salmeida@gmail.com)

*Géssica Pereira Monteiro Rangel* (UENF)

[gessica.gigi@gmail.com](mailto:gessica.gigi@gmail.com)

*Tatiane Almeida de Souza* (UENF)

[tatianealmeidauenf@gmail.com](mailto:tatianealmeidauenf@gmail.com)

*João Batista da Silva Santos* (UENF)

[joaosanto.92@gmail.com](mailto:joaosanto.92@gmail.com)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)

[elinafff@gmail.com](mailto:elinafff@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo desenvolver reflexões sobre o trabalho em sala de aula com alguns gêneros discursivos, como a fábula e a paródia. Além de mostrar como é importante a preparação dos estudantes para a leitura crítica não só na escola, mas também na sociedade para que ele possa tornar-se um cidadão crítico. Propõe-se destacar, no objeto analisado, as questões de interdiscursividade progressiva, ressaltando o contexto, a crítica, a ideologia e o discurso do humor que a paródia promove. O embasamento teórico que fundamenta a análise é o dialogismo de Mikhail Bakhtin, segundo o qual, toda a linguagem é concebida de um ponto de vista sócio-histórico-cultural.

**Palavras-chave:** Gêneros. Intertextualidade. Leitura.

**1. Introdução**

O presente trabalho introduz uma reflexão sobre a fábula e a paródia enquanto gêneros discursivos que estão na fronteira entre o interdiscurso e o intradiscurso.

A memória permite que o leitor reconstitua histórias originais e

crie sentidos novos por meio da ligação de relações intertextuais e interdiscursivas que realiza.

É por meio dessa interação entre o texto (autor) e o leitor que se constitui uma relação dialógica, na qual os sujeitos envolvidos se estabelecem. Por ela, os enunciados realimentam a ideologia do cotidiano e, logo, tal ideologia se expressa mediante cada um de nossos atos, gestos ou palavras, possibilitando a consolidação dos sistemas ideológicos constituídos, em uma interação dialética constante.

Assim, trabalhar com o gênero fábula, que é um texto imagético, alegórico, que traz a reflexão, a moral, na maioria das vezes explicitamente, é poder proporcionar ao aluno ser coprodutor e complementador do texto alheio, pois é um texto que nos faz pensar sobre a ação do homem, dos sentimentos de si próprio e do coletivo.

O gênero fábula permanece desde os tempos mais remotos, anteriormente pela oralidade e depois com o advento da escrita. Sendo assim, encontrar formas diferentes de se trabalhar esse gênero será uma das maneiras de contribuir para com o trabalho docente e também para com o ensino e aprendizagem dos alunos, pois, segundo Luiz Antônio Marcuschi (2002, p. 22), “gêneros são formas presentes já em povos de cultura essencialmente oral e passam a se multiplicar com o advento da escrita alfabética por volta do século 7 a.C”.

Logo, à medida que se lê um texto, constrói-se um novo texto, conectando com todo o conhecimento de mundo do leitor, o que facilitará ou não a compreensão, considerando o universo de conhecimento do enunciatário.

Do mesmo modo, a leitura de uma paródia demanda a necessidade de conhecimento do texto original, o que possibilitará construir sentidos mais amplos do novo texto. Sem este conhecimento, a leitura que será realizada pode não atingir os efeitos de sentido propostos pelo autor.

Ao tratar da gênese dos gêneros estamos falando da relação do homem com a história ao longo de toda a história, pois nossa comunicação se dá por meio de gêneros (BAKHTIN, 2003). Diante disso, tem-se a ideia de que os gêneros estão presentes desde o início da história do homem.

O que se pretende aqui é expor o gênero em sua essência como na visão de Mikhail Bakhtin (2003) sendo discurso inato ao homem e também como gênero textual na visão de autores que trabalham o texto na

sala de aula, tendo este como enfoque didático.

## **2. O dialogismo de Mikhail Bakhtin**

Para Mikhail Bakhtin, é através da interação que a palavra se concretiza como símbolo ideológico. No fluxo dessas relações, a linguagem, como imagem da vida social, torna-se o espaço para explicitar e confrontar os valores assumidos pela sociedade. Ela, ainda, é dialógica, pois é formada de duas naturezas básicas: a primeira diz respeito ao seu caráter interdiscursivo, pelo qual se estabelecem diálogos entre os mais diferentes discursos; a segunda relaciona-se à alteridade, já que as relações são estabelecidas entre o Eu e o Outro. O dialogismo é condição básica para se construir o sentido de qualquer texto. Cada sociedade construirá seu repertório de formas de discurso, carregado da sua ideologia, conforme explicita Mikhail Bakhtin ao dizer que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro, que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. (BAKHTIN, 2005, p. 42)

A multidão de fios ideológicos, indicada por ele, é constituída por outra característica do discurso que Mikhail Bakhtin defendeu: o da polifonia, resultante das várias e diferentes vozes presentes nos textos constituídos. Assim, nenhum texto é puramente original. Ele se revela pela presença de outros textos que o precederam. A originalidade de um texto poderá ser observada pelas marcas pessoais de seu autor, presente nele, seus argumentos, seu modo de olhar determinado assunto etc. No entanto, mesmo para isso, ele fará uso de recursos linguísticos pré-existentes.

Ao apresentarem-se as análises que serão realizadas do corpus escolhido, observar-se-á a importância do processo dialógico e a “conversa” que se propicia entre o texto original e a paródia, criando efeitos de sentido claros, devido aos contrastes existentes nos textos.

### 3. *A escola e a formação do leitor*

Entende-se que a escola tem como uma de seus papéis principais a formação do leitor, pois ela ocupa o espaço privilegiado de acesso à leitura, é imprescindível que a escola crie possibilidades que proporcionem o desenvolvimento do gosto pela leitura através de textos que tenham significado para os alunos. Marisa Lajolo (2008), afirma que se ler é essencial, a leitura literária também é fundamental.

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106)

Nesse contexto, compreendemos os gêneros como construções sociais e históricas, como tudo o que é criado pelo homem e que, apesar de representarem as ações humanas em qualquer contexto, não são instrumentos estanques, que estabilizam a ação criativa do homem. Os gêneros são maleáveis, dinâmicos e se transformam, se adaptam às necessidades e atividades sociais e culturais. Para Mikhail Bakhtin (1992),

[...] os gêneros são ferramentas indispensáveis à comunicação e devem constituir o objeto de aprendizagem para o aluno. Ao se aproximar desse instrumento, a criança desenvolve as capacidades para a prática que seja adequada à interação social que o professor poderá recriar, na sala de aula, dentro dos limites impostos pelo contexto escolar e o mais próximo possível do real. (BAKHTIN, 1992, p. 34)

Sendo assim, trabalhar a língua materna com apoio dos gêneros é colocar o aluno diante de uma gama de possibilidades de desvendamento do seu contexto social-histórico, é permitir que o aluno interaja com as práticas sociais da linguagem, pois eles se modificam, se adaptam, transformam-se de acordo com a necessidade da sociedade.

Logo, esse trabalho pretende pensar o gênero textual fábula como facilitador para despertar e incentivar o gosto pela leitura nos alunos. Uma vez que, enquanto gênero, as fábulas são narrativas curtas, os personagens são animais, plantas ou objetos animados que ganham características humanas e no final trazem um ensinamento, uma moral.

Para Jesualdo Sosa (1978), não é a moral da história que fica registrada como experiências de conhecimento, mas o que fica registrada

na alma da criança é o acontecimento dramático da fábula, as espertezas e astúcia embutidas nas ações das personagens. É o drama apresentado na fábula que dialogará com seu mundo íntimo e colaborará no conhecimento que necessitará para seu desenvolvimento. Assim, a educação moral não é aplicada na vida da criança por meio de suas leituras, e sim, através de suas próprias experiências com a vida e ações.

Espera-se, ainda, explorar a intertextualidade, fator importante da estrutura do texto (KOCH & TRAVAGLIA, 2009) que contribui para a formação de leitores capazes de estabelecer relações de sentido não só a partir do que é dado no contexto, mas de extrapolar os limites do texto e visualizar a relação deste com outros já produzidos. Assim, explicita-se o texto de Mikhail Bakhtin (2003, p. 299) que “um elo na cadeia da comunicação discursiva e da relação com outros enunciados a ele vinculados”.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

Assim, propõe-se desenvolver um trabalho que possibilite aos alunos participarem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação.

Destacamos que, o ato de ler é uma habilidade que o indivíduo só adquire praticando, e para formar leitores competentes deve-se desenvolver uma prática frequente de leitura para que o leitor perceba que existem várias formas de interagir com o texto e com o mundo.

Diante disso, esse trabalho foi desenvolvido com o intuito de despertar e incentivar nos alunos o gosto pela leitura e assim desenvolver o olhar crítico e reflexivo e para que reconheçam aspectos de diferentes linguagens.

Partindo desse pressuposto, esse trabalho teve como eixo norteador as estratégias de leitura de Isabel Solé (1998), que estabelece as etapas: antes, durante e depois da leitura. Segundo a autora para que a leitura seja voluntária e prazerosa o professor deverá criar condições para motivar e incentivar os alunos, reativar o conhecimento prévio por meio de questionamentos, guiá-los para que analisem hipóteses e façam previsões referentes aos textos lidos com o objetivo de torná-los capazes de poder compreender e interpretar diferentes textos, bem como, identificar suas

características estruturais e torná-los leitores eficientes.

#### **4. Contextualizando o gênero textual fábula**

A fábula é uma narrativa inverossímil, com fundo didático, cuja temática é variada e contempla tópicos como a vitória da fraqueza sobre a força, da bondade sobre a astúcia e a derrota de preguiçosos. Na etimologia da palavra, encontramos no dicionário Aurélio eletrônico o significado de fábula:

Fábula: [Do lat.fabula.] Substantivo feminino. 1. Historieta de ficção, de cunho popular ou artístico. 2. Narração breve, de caráter alegórico, em verso ou em prosa, destinada a ilustrar um preceito: as fábulas de La Fontaine. [Cf., nessas acepçs., apólogo.] 3. Mitologia, lenda: os deuses da fábula. 4. Narração de coisas imaginárias; ficção: “Martins demonstrou que a história do Brasil seria fábula ou romance se lhe faltassem as bases da etnografia regional, e da etnografia geral” (E. Roquete-Pinto, Seixos Rolados, p. 257). 5. V. fabulação (2). 6. Fig. Assunto de crítica ou mofa. 7. V. enredo (5). 8. Bras. Quantia ou importância muito elevada; grande soma de dinheiro: Gastou uma fábula com o carro. [Tb. se diz, nesta acepç. fábulas, mas sem artigo.] [Dim. irreg.: fabela. Cf. fábula, do v. fabular.] (FERREIRA, 2010, grifo do autor).

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2000), fábula “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade”. (COELHO, 2000, p. 165)

Para Massaud Moisés (1999), o gênero fábula é definido como

Latim – fábula, narração. Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a parábola, em razão da moral, implícita ou explícita, que deve encerrar, e de sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por 30 animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias, deixa transparecer uma alusão, via de regra, satírica ou pedagógica, aos seres humanos. (MOISÉS, 1999, p. 226)

Então, fábula, no conceito de palavra do dicionário e no sentido amplo, significa contar ou narrar, falar sobre algo para ou com alguém. É sabido ainda que a fábula anteriormente foi cultivada entre assírios e babilônios. No entanto, foi o grego Esopo quem consagrou o gênero. Utilizando-se do diálogo estabelecido entre os animais, ele tinha por objetivo transmitir sabedoria de caráter moral ao homem, gerando exemplos para este fato que podemos constatar sempre ao final de cada texto, uma vez dotado de um fundo moral.

A moralidade, explícita ou implícita nas fábulas, nos leva a perce-

ber que ela se caracteriza como um gênero narrativo popular que tem por finalidade discursiva retratar aspectos inerentes à conduta humana.

## **5. A paródia**

De acordo com Mikhail Bakhtin a paródia é um elemento inseparável da sátira.

Pode-se dizer que, o autor busca a intertextualidade das diferenças, ao construir uma paródia, numa estrutura que possa ser conhecida pelo leitor. Essa característica permite que o enunciatário reconheça explicitamente uma semelhança com o que nega, além de apresentar imagens invertidas, reduzidas ou ampliadas.

Em seu sentido etimológico, a paródia significa canto paralelo (para = ao lado de; ode = canto). Nela, há uma permanente luta de vozes, tornando-se um texto transgressor, ao deslocar o primeiro texto. Affonso Romano de Sant'Anna (1995) propõe para ela a noção de desvio, por observá-la em seu sentido mais global.

O seu aspecto dialógico e a sua ambivalência é que permitem a transgressão na paródia. Para Bella Josef (1980), ela se instaura por uma intertextualidade constituída por dois eixos. O primeiro, denominado horizontal, estaria ligado aos interlocutores (autor / leitor); o segundo, eixo vertical, ao texto/contexto. Esse processo é o que possibilita a dupla leitura.

Não se pretende neste trabalho aprofundar as questões relativas à paródia, mas é importante registrar a sua singularidade, diferenciando-a, ainda que por uma linha tênue, da paráfrase, da estilização e da apropriação.

## **6. Conclusão**

Concordamos com T. M. Pereira (2010) que a leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social, e envolve disposições e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido. Abrange, pois, desde capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização até capacidades que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas. A compreensão dos textos pela criança é a meta principal do ensino da leitura.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* preconizam o uso de gêneros textuais para o ensino da leitura. Portanto, o professor deve assumir a tarefa de formar aluno-leitor, aluno-produtor fazendo com que a escola tenha responsabilidade na elaboração de projetos educativos que busquem a intermediação da passagem do leitor de tipologias textuais para o leitor de diversos gêneros discursivos, do mesmo modo que são vinculados em diferentes campos de comunicação verbal. (BRASIL, 1998)

Como se pode observar, a fábula pode se tornar um gênero rico para o desenvolvimento da leitura, trabalhada, ainda, por meio de paródias, pode enriquecer ainda mais as atividades docentes com as questões relativas ao desenvolvimento da comunicação em sala de aula, ampliando os aspectos de compreensão e interpretabilidade e mostrando aos alunos os processos inter e intradiscursivos que são colocados em jogo nesse processo.

É possível dizer que, ao observar a materialidade linguística presente nas fábulas e em paródias, o leitor extrapolará as margens do que está posto, por meio das pistas e das intenções presentes no texto, construindo, inclusive, a relação entre texto fonte e paródia, sem perder os sentidos que cada um possui, porém, percebendo a relação fina entre eles, ainda que pelas contradições que se tornam presentes e perceptíveis na paródia. Os efeitos de sentido de humor e de crítica, inerentes a essa produção, serão observados, também, pela análise linguística e extralinguística que se realiza na leitura desses textos.

Constatou-se também que as fábulas constituem um rico instrumento pedagógico, que permite um trabalho articulado com a língua oral, a leitura e a língua escrita, ampliando, ainda, a reflexão das ações humanas por meio do pensamento e da ação dos personagens criados, além da sua característica específica, que é a moral.

O ensino de leitura a partir do processo aqui apresentado pode ser mais um meio eficaz e eficiente para se trabalhar a compreensão e interpretabilidade na escola, mostrando aos alunos que todo enunciado diz mais do que somente está escrito.

Diante disso, entendemos que trabalhar com fábulas pode e deve ser um ponto de partida para a reflexão a respeito do próprio determinismo formulado acerca da sabedoria prática, questionando os padrões de comportamento e as relações de poder que transparecem nessas narrativas.



Por esse motivo, em uma pedagogia da leitura, quem trabalha com o gênero textual fábula deve saber com clareza que questões colocar para o ouvinte ou leitor diante do texto. Pode-se, por exemplo, estabelecer um contraponto com textos mais contemporâneos ou mesmo estimular a produção de fábulas em que o comportamento das personagens seja alterado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2005.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 1992. p. 367-392.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad.: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação em Bakhtin e seu Círculo. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2000.

JOSEF, Bella. O espaço da paródia, o problema da intertextualidade e a carnavalização. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 62, p. 53-70, 1980.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. 13. reimpr. São Paulo: Ática, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*, 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

PEREIRA, T. M. *O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático pedagógica*, vol. II. Paraná, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias da Leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. Trad.: James Amado. São Paulo: Cultrix: Universidade de São Paulo, 1978.